

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

A igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos faz parte da arquitetura da cidade do Rio de Janeiro, podendo passar despercebida por quem frequenta a Rua Uruguaiana. A igreja foi fundada com muita dificuldade e ajuda, por volta de 1736, ela irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, formada predominante por homens pretos, escravos e livres.

A adesão de um escravo a uma irmandade não estava somente relacionada à sua fé e à devoção aos santos. As celebrações vinculadas às igrejas eram os poucos momentos de liberdade em que os escravos podiam agir e se ver fazendo parte daquela sociedade. Outro ponto importante que motivava essa associação era a certeza de um sepultamento, questão essa que tanto preocupava os que não tinham quem olhar por eles.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito presenciou no seu interior muitos acontecimentos importantes vinculados à cidade. Foi, à contragosto, Sé Catedral de 1737 a 1808, sendo a primeira igreja visitada pela Família Real Portuguesa ao desembarcar no Rio de Janeiro, em 1808. Abrigou no seu consistório o Senado da Câmara, em 1821, testemunhando importantes decisões como o Dia do Fico e a assinatura da Lei Áurea. Também esteve a irmandade diretamente ligada à causa escrava, tentando proteger e lutar pelos seus irmãos.

Em 1938, a igreja foi tombada pelo IPHAN¹. Todo o trabalho de arquivamento realizado durante três meses pelo historiador Francisco Agenor Noronha Santos está presente no Arquivo Central do IPHAN, Seção Rio de Janeiro.

Toda a história da igreja e da irmandade esteve associada a muita luta e acontecimentos inesperados, como o incêndio de 1967, que a destruiu por completo, assim como o museu do escravo que funcionava

¹ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

no seu interior. No mesmo ano começou a reconstrução da igreja, com projeto dos arquitetos Lúcio Costa e Sergio Porto, sendo a mesma finalizada em 1972. Atualmente, a igreja se encontra descaracterizada, pois, após o incêndio, somente a sua fachada sobreviveu. O seu interior foi refeito e acabou perdendo as características originais, que eram associadas à época colonial.

Esta monografia pretende contar um pouco sobre a história da criação da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos e da sua irmandade; as importantes decisões tomadas naquele espaço que envolvem o nosso país, além de falar um pouco das suas características arquitetônicas tanto das anteriores ao incêndio de 1967 como das presentes na igreja atualmente.

CAPÍTULO 2

OS ESCRAVOS E A IGREJA CATÓLICA NO BRASIL COLONIAL

2.1 OS ESCRAVOS NO BRASIL

Em alguns países da Europa no século XVI a barbaria da escravidão estava cada vez mais perdendo espaço naquela sociedade. Porém com o descobrimento do continente americano mais uma vez esse recrutamento desumano de mão-de-obra passou a ser utilizado nas novas colonizações. As expedições de tráfico negreiro eram originadas de diversas partes da atual Europa e traziam escravos originários do Egito, Etiópia e posteriormente com maior alcance do Congo, Angola e Moçambique. Os escravos eram trazidos para a colônia portuguesa com o intuito de trabalharem nos latifúndios e morarem em senzalas.²

Quando os jesuítas chegaram ao Brasil colônia, por volta de 1549, a violência usada pelos colonos com a finalidade de escravizar a população indígena foi uma das grandes preocupações dos missionários. Após esse período várias leis em defesa dos índios são criadas. Em março de 1570, o recém coroado rei Sebastião promulgou uma lei que baniu qualquer tipo de escravidão voluntária dos índios. Muitas divergências de opinião aconteceram entre os jesuítas e os colonos nessa época, divergências essas que acarretaram mudanças nas leis que diziam respeito aos índios. Somente em 30 de julho de 1609 o rei Felipe II decretou uma lei declarando todos os índios incondicionalmente livres.³

Com essa mudança, o tráfico negreiro aumentou drasticamente no Brasil colônia. As primeiras regiões que receberam escravos foram Bahia e Pernambuco, onde existiam as principais indústrias do açúcar e mais demandavam mão-de-obra. No ano de 1583 já se tinha conhecimento no Rio de Janeiro de um comerciante de escravos chamado João Gutierrez Valério. Na segunda metade do século XVII, já havia no Rio de Janeiro

² GUERRA, Yolando. História da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

³ EISENBERG, José. A escravidão voluntária dos índios do Brasil e o pensamento político moderno. p. 27-28

um bom número de negros, escravos ou livres, que quisessem se organizar na forma de confrarias.⁴

⁴ CAVALCANTI, N. O Rio de Janeiro Setecentista: A vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte. p. 210

2.2 OS ESCRAVOS E A IGREJA CATÓLICA

Os escravos que chegavam ao Brasil não tinham total liberdade para terem contato com a sua cultura e as suas religiões. O padre Antonil, que chegou ao Brasil em 1681 e foi um grande observador da colônia, disse em relação aos escravos e as práticas culturais negras, “negar-lhes totalmente os seus folguedos, que são o único alívio do seu cativeiro, é querê-los desconsolados e melancólicos, de pouca vida e saúde” e para que isso fosse evitado, deixassem que os escravos “criarem seus reis, cantar e bailar por algumas horas honestamente em alguns dias do ano”.⁵ Porém essas manifestações culturais eram vistas com receio por muitos.

Desde o início da formação da sociedade brasileira o catolicismo foi a religião predominante. No Brasil colonial a Igreja e o Estado andavam juntos. A igreja tinha um papel extremamente importante na formação da sociedade colonial e a sua atuação aparecia em cada detalhe da vida cotidiana.

A paisagem de uma cidade colonial era normalmente caracterizada pelo destaque das igrejas compondo o seu cenário e no Rio de Janeiro daquela época não era diferente. Os jesuítas ergueram a sua igreja no Morro do Castelo, os franciscanos se estabeleceram no antigo Morro do Carmo, posteriormente chamado de Santo Antônio, os beneditinos receberam o Morro Manuel de Brito como doação, hoje conhecido como São Bento e os carmelitas estavam presentes no convento e igreja do Carmo localizados na atual praça XV.

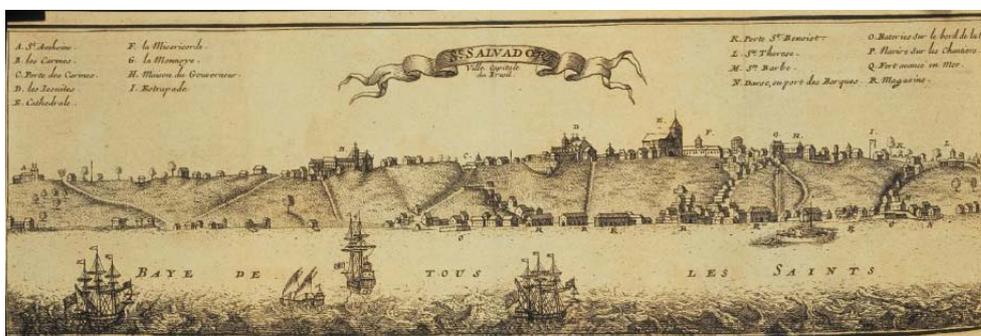


Figura 1 - Ilustração do Rio de Janeiro feita por François Froger em 1698 – Retirada do livro “Relation d’un voyage” de François Froger

⁵ ANTONIL, A. J. Cultura e opulência do Brasil. p. 33

A relação entre a colonização e a expansão do catolicismo explica a dependência da Igreja ao rei de Portugal, que tinha a chefia da instituição, delegada pelo papa, nos territórios ultramarinos. Padroado era o nome desse acordo e foi presente no Brasil até a proclamação da República.⁶

A vida religiosa no Brasil seguia duas linhas distintas, porém ligadas entre elas. De um lado as manifestações que se estabeleceram no ambiente privado e do outro, no ambiente público, que representavam as cerimônias litúrgicas, como as missas, as procissões e a realização das festas de devoção. Nesse último quesito, as irmandades exercem um papel fundamental, pois elas garantiam os meios necessários para que essas celebrações se realizassem. No ambiente privado, mesmo nas casas mais pobres um cantinho era separado para a colocação de um oratório. Esses oratórios serviam como altares e variavam de tamanho e material. Os santos ali presentes faziam parte do dia a dia das famílias.

A maior parte dos cortejos festivos e fúnebres eram realizados pelas irmandades. Na hierarquia das agremiações religiosas leigas, africanos, crioulos, pretos e pardos estavam na parte mais baixa dessa pirâmide e, mesmo entre elas, havia uma divisão. Mulatos e pretos forros tinham maior prestígio, principalmente os que apresentavam insígnia militar. No outro extremo das hierarquias estavam os escravos recém chegados, conhecidos como “pretos novos” ou infiéis.⁷

A associação dos escravos nas irmandades lhes conferiam maior participação na sociedade colonial, diminuindo, de certa forma, o peso da opressão da escravidão. Os escravos podiam comparecer às festas, enterros e solenidades organizadas por essas instituições, isso tudo muito a contragosto dos senhores, que nada podiam fazer para impedir a situação. No Brasil colonial, o grande número de adeptos negros nas irmandades não estava associado somente ao culto da fé, mas principalmente às vinculações políticas e sociais que essa associação

⁶ Guia das igrejas históricas da cidade do Rio de Janeiro. p 13.

⁷ SOARES, M. C. Devotos da Cor: Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. p. 137

com trazia.⁸ Punições severas eram aplicadas em quem tentasse manifestar religiosamente outra forma de fé.

Apesar das expressões afro-brasileiras serem na época consideradas formas profanas de expressão da fé, os escravos introduziam nas suas manifestações da fé católica elementos culturais africanos como podia ser observados na eleição do Rei e Rainha do Congo, que eram eleitos durante a festa do Rosário. Nessas festividades os escravos também se expressavam com danças e instrumentos que remetiam a uma tradição africana.

⁸ CRUZ, T. C. C. As irmandades religiosas de africanos e afrodescendentes. Artigo da aluna ouvinte de mestrado em Antropologia Social. UFSC.

CAPÍTULO 3

AS IRMANDADES RELIGIOSAS NO BRASIL

3.1 O QUE ERAM AS IRMANDADES E QUAL A SUA FINALIDADE

As irmandades eram associações formadas por leigos, na maior parte fiéis, que se dedicavam ao culto de um santo. Muito populares no período colonial, essas instituições incentivavam a expansão do catolicismo e possibilitavam, através da arrecadação de fundos, a criação de igrejas e capelas. Além de propagarem a fé e a devoção ao seu santo, as irmandades davam assistência a seus membros. Essas associações tinham como principais objetivos: promover sepultamentos dignos para os seus membros e seus familiares, orar e celebrar missas pelos falecidos, auxiliar seus familiares nesse momento de perda, assim como promover a devoção ao padroeiro que ela representava. Esses auxílios variavam de acordo com os recursos da irmandade, diretamente proporcionais às posses de seus membros.⁹

As irmandades não precisavam estruturar-se apenas em torno de um templo, mas sim de uma casa particular, de um oratório de rua ou do altar de uma igreja tendo previamente a permissão de seu pároco ou irmandade proprietária. Para atingir o status de irmandade o grupo deveria ter pelo menos 30 membros, recursos necessários para a administração, capacidade de sustento das alfaias da igreja e a realização das festas destinadas aos Santos de devoção. As irmandades tinham a permissão de pedir esmolas e contribuições o que expandia o seu poder de arrecadação para fora daquele grupo de fiéis e aumentava a sua receita.¹⁰

Tanto as ordens terceiras quanto as irmandades eram formadas por leigos, a diferença era que as ordens terceiras se associavam a ordens religiosas conventuais (franciscana, dominicana, carmelita) e por isso tinham maior prestígio.

⁹ BOSCHI, C. C. Os leigos e o poder: irmandades Leigas e Colonizadoras em Minas Gerais. p. 12.

¹⁰ CAVALCANTI, N. O Rio de Janeiro Setecentista: A vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte. p. 207

Os membros da ordem terceira tinham seus direitos de associados protegidos por convênios entre ordens da mesma denominação estabelecidas em diferentes cidades, capitanias, países e continentes. Bastava somente apresentar a sua carta patente (carta aberta que garantia o título de determinado irmão) para receber os serviços da ordem ou ser admitido. Para o imigrante português, essas associações facilitavam a integração na colônia. Esse primeiro contato possibilitado pelas irmandades criavam vínculos sociais entre o recém chegado, e quem já estava estabelecido na colônia. Muitas confrarias eram formadas por irmãos da mesma profissão, o que acabava gerando novas possibilidades. As irmandades tinham uma função de representar socialmente hierarquias sociais e ocupacionais. Porém o critério que mais regulava a entrada de membros nas confrarias não eram social, econômico ou ocupacional, mas sim, étnico-racial.¹¹

Era comum as irmandades de portugueses, só aceitarem membros "limpo de sangue, sem alguma raça Mouro, ou Judeu, não somente na sua pessoa mas também sua mulher", irmandades somente de brancos brasileiros, até mesmo as irmandades de "homens de cor" podiam ter divisões entre elas, como crioulos (pretos nascidos no Brasil), mulatos e africanos. Podia ainda acontecer uma subdivisão nas irmandades negras, referente as etnias de origem dos escravos. Essa divisão era bem vista pelas classes dirigentes, que as viam como uma maneira de manter uma certa rivalidade étnica, o que impedia possíveis alianças perigosas. (REIS,1991, p 54)

As irmandades leigas existiram em toda a América espanhola e portuguesa, tendo mais disseminação na última. Reis cita, Caio César Boschi, que aponta as irmandades como uma "força auxiliar, complementar e substituta da Igreja" sendo responsáveis pela contratação de religiosos e pela construção de templos.¹²

As irmandades, além de empregarem muitos artistas e artesãos que realizavam pinturas, esculturas e construções de altares e templos,

¹¹ REIS, J. J. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. p.49-52

¹² REIS, J. J. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. p.57

eram as responsáveis pela realização das festas mais importantes na sociedade da época, as festas dos seus padroeiros.

Era comum o mesmo templo acomodar mais de uma irmandade, que veneravam seus santos patronos em altares laterais. Existiam irmandades com a mesma denominação espalhadas pelas igrejas do Brasil ou até na mesma cidade. Muitas irmandades que iniciaram sua carreira de maneira tímida, em altares laterais, com o tempo levantaram recursos para a construção de seus próprios templos.¹³ Como foi o caso da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos no Rio de Janeiro.

Nas irmandades com irmãos negros aconteciam algumas comemorações peculiares como a coroação do rei e rainha africanos. O rei e a sua corte não tinham relação com a administração do dia-a-dia das confrarias. Em algumas irmandades, eles podiam sentar à mesa durante votação, mas isso não era uma obrigação. O seu reinado, estava vinculado a festa do orago e a arrecadação de esmolas para a irmandade.

A arrecadação de esmola por membros da irmandade era cena comum nas cidades coloniais. Muitas vezes danças e tambores africanos estavam presentes nesses momentos. As esmolas eram destinadas para a realização das festas do santo padroeiro.¹⁴

“A eleição e coroação eram comemoradas com ritmos próprios, ao som de instrumentos de origem africana, acompanhando danças nas quais a postura do corpo era marcada pela velocidade dos passos e pela independência entre membros superiores e inferiores, que dava aos observadores a impressão de desarmonia dos gestos”. (SOUZA, 2002, p 181)

As eleições de reis negros aconteciam, predominantemente vinculadas à alguma irmandade. Marina de Mello Souza menciona que existiram notícias de eleições por grupos de negros que não estavam organizados em confrarias, mas isso não era o costume.¹⁵

¹³ REIS, J. J. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. p.49-50

¹⁴ SOUZA, M. M. Reis Negros no Brasil escravista, p 209

¹⁵ SOUZA, M. M. Reis Negros no Brasil escravista, p 183

Como observado em um cronograma referente a acontecimentos da irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos presente no inventário da igreja do Rosário disponível no Arquivo Central do IPHAN, o primeiro evento de coroação do rei e rainha africanos realizado na igreja aconteceu no ano de 1759. A coroação ocorria no dia da festa de Nossa Senhora do Rosário, festa muito famosa na época. O local para a sua realização era o largo em torno da igreja onde ocorriam leilões de prendas, a venda de objetos e comidas típicas. O local se enchia de pessoas de várias camadas sociais. A música embalava a festividade daqueles que tanto queriam honrar a Virgem do Rosário e São Benedito. Além das festividades religiosas, aconteciam muitas danças na rua. O Rei e Rainha africanos representavam um sistema de governo, na medida em que possuíam autoridade sobre seus “súditos” e preservavam aspectos culturais e sociais da África, contribuindo para a integração e solidariedade dos negros no Brasil.¹⁶

Marina de Mello Souza menciona a reconstituição que Mello Moraes Filho fez das misturas étnicas nas festas que deviam acontecer no Rio de Janeiro em meados do século XVIII¹⁷ “homens esculturais, nus da cintura para cima, de rosto deformado ou tatuado, segundo os estilos de suas nações” que saíam às ruas dançando e cantando, acompanhados de “outros negros, de mulheres e crianças de diversas tribos, que se associavam a alheios prazeres”, “recebendo esmolas profusas, dádivas valiosas, que entravam para o cofre da irmandade, por conta da qual corria a despesa da festa”.

Essas comemorações, conhecidas como folias, não eram muito bem aceitas pelas autoridades da época, que não as proibiam por completo, mas as toleravam.¹⁸

¹⁶ QUINTÃO, A. A. Lá vem o meu parente: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e Pernambuco (Século XVIII). p. 164

¹⁷ MORAES F. Festas e tradições populares no Brasil p. 383

¹⁸ SOARES, M. C. Devotos da Cor: Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. p. 157



Figura 2 - Coleta e esmolas para irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Rio Grande do Sul—
Jean Baptiste Debret

Porém quando a família real chega ao Brasil, essas práticas não eram vistas como dignas de uma cidade que abrigava a corte portuguesa. Em 1817, por ordem do príncipe regente essas “reuniões” organizadas pelos peditórios de negros ao som de tambores foram proibidos. O intendente geral da polícia do Rio de Janeiro, órgão criado em 1808, entrou em acordo com os juízes das irmandades afetadas pela proibição das manifestações, que sempre geravam algum lucro para as irmandades. Foi definido uma “quantia anual de 50\$réis” como maneira de saciar as irmandades, porém o acordo não durou mais de cinco anos.¹⁹ Na igreja do Rosário e São Benedito no Rio de Janeiro, a coroação do rei e rainha africanos foi extinta em 1820.

¹⁹ SOUZA, M. M. Reis Negros no Brasil escravista, p 247

3.2 A DEVOÇÃO AOS SANTOS NEGROS

Visando introduzir e canalizar a fé católica nas massas urbanas, que estavam cada vez mais em ascensão, as ordens mendicantes (formadas por padres e freiras) utilizam um componente fundamental na pastoral do culto dos santos. Essas ordens defendiam a importância que os exemplos de vida dos santos forneciam, exemplos que deveriam servir de base e serem seguidos pelos fiéis.²⁰ Essa abordagem foi fundamental na evangelização dos povos, no que diz respeito aos homens brancos e aos negros.

Uma das primeiras e com maior número de adeptos foi a devoção que os homens de cor depositaram à Nossa Senhora do Rosário. O Culto a Nossa Senhora do Rosário difundiu-se com maior ênfase a partir de 1571. No Brasil ela está presente desde os primórdios da colonização. As primeiras irmandades de homens pretos parecem ter sido criadas no século XVII. O Culto do Rosário foi muito incentivado no Brasil colônia pelos jesuítas e franciscanos.²¹

Em "Devoção Negra", Oliveira menciona o trabalho de John Thornton e diz que o processo de "catolicismo africano" foi auxiliado por um conjunto de idéias religiosas semelhantes entre o cristianismo e as religiões africanas. A principal delas dizia respeito a idéia de existência de um "outro mundo" e na perspectiva de que esse pudesse ser revelado. Também existia a idéia de seres que promoveriam a passagem do nosso mundo para o outro mundo. Os santos católicos serviram então de apropriação para os africanos, que os identificavam com as suas referências religiosas.²²

Percebendo isso, a igreja se empenhou em ampliar o "mercado hagiográfico" para os negros, "investindo" em santos negros, como: Santo Elesbão, Santa Efigênia, São Benedito e Santo Antônio de Categeró.

²⁰ OLIVEIRA, A. J. M. Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial. p. 25

²¹ SCARANO, J. Devoção e escravidão: A irmandade do Rosário dos Pretos do Distrito Diamantino no século XVIII p. 38-48

²² OLIVEIRA, A. J. M. Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial. p. 26-27

Houve uma iniciativa deliberada de carmelitas e franciscanos na divulgação do culto a esses santos. O investimento nesses modelos, era uma tentativa de tornar a santidade mais acessível para aquele segmento populacional.²³

São criadas duas obras, tendo como temática a vida de Santo Elesbão e Santa Efigênia. As obras foram publicadas em Portugal entre em 1735 e 1738 por Frei José Pereira de Santana, Carmelita nascido no Rio de Janeiro, e era intitulada, “Os dois Atlantes de Etiópia. Santo Elesbão, imperador XLVII da Abíssinia, advogado dos perigos do mar & Santa Efigênia, Princesa da Núbia, advogada dos incêndios dos edifícios. Ambos carmelitas“. São Benedito também teve a vida escrita e publicada em 1744. A autoria é de Frei Apolinário da Conceição, que nasceu em Lisboa, porém veio para o Brasil com 13 anos e professava na Ordem dos Frades Menores de São Paulo. A obra de São Benedito era “Flor Peregrina por Preta, ou Nova Maravilha da graça, descoberta na prodigiosa vida do Beato Benedito de S. Filadelfo. Religioso leigo da Província da Sicília, da mais estreita Observância da Religião Seráfica“. ²⁴

Segundo Anderson José Machado de Oliveira, esta manifestação religiosa foi identificada, pela igreja católica como um dos meios de efetivar o processo de catequese dos negros na sociedade colonial brasileira. Ele acrescenta, que essa devoção aos santos negros encontrou nas irmandades o campo propício para sua estruturação. As irmandades foram integradas com relativa facilidade ao cotidiano político, social e religioso dos colonos. Através de suas atividades devocionais e assistenciais supriram, em diversos momentos, os papéis a serem desempenhados pela igreja e pelo estado.²⁵

Com a utilização do santo negro como um instrumento a favor da catequese a igreja visava promover na colônia um sistema de cristandade, buscando garantir a autoridade do estado e da igreja sobre aquela sociedade. O estudo feito por Anderson José Machado de Oliveira, permite avaliar as contradições e limites dos projetos de poder.

²³ OLIVEIRA, A. J. M. Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial. p. 27

²⁴ OLIVEIRA, A. J. M. Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial. p. 27-28

²⁵ OLIVEIRA, A. J. M. Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial. p. 257

Oliveira menciona no seu estudo excepcionalmente Santo Elesbão e Santa Efigênia, porém o mesmo pode ser observado nos outros santos negros mencionados inicialmente. Eles passaram a ser com eficiência santos de devoção negra, porém essa apropriação do culto católico por parte dos negros, foi moldada e reconstruída com base na experiência do cativo e nas recordações das diferentes culturas africanas presentes na colônia portuguesa. Isso possibilitou novas recriações culturais autônomas, fato esse observado nas irmandades de pretos presentes no Brasil colônia.

3.3 COMO ERAM FORMADAS AS IRMANDADES

As irmandades eram organizadas por critérios de etnia e divisão social. Era comum encontrar irmandades nas quais faziam parte irmãos que representavam uma elite branca local, irmandades divididas por profissionais do mesmo ramo e irmandades de homens de cor também com divisões étnicas como angolas, crioulos, entre outras.²⁶

Essa divisão étnica entre os escravos africanos também tinha um caráter repressor. Ao não misturarem as diferentes etnias entre si era menor a possibilidade de os escravos se unirem frente a uma causa comum. De acordo com Anderson Santos Ribeiro, atual Irmão e historiador, inicialmente a irmandade do Rosário era formada por irmãos da etnia banto, posteriormente abrindo espaço para outras etnias.

Na década de 1740, a cidade do Rio possuía duas igrejas de propriedade de irmandades de homens pretos. A Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, na igreja de mesmo nome e a devoção a São Domingos Gusmão na igreja de São Domingos. Essas igrejas também possuíam algumas agremiações religiosas de negros sem capelas, como a devoção do Menino Jesus, anterior a 1740 e de Santo Elesbão e Santa Efigênia fundada em 1740 na igreja de São Domingos. Na igreja do Rosário foi criada em 1730 a irmandade devota a Nossa Senhora da Lampadosa e a irmandade do Glorioso Santo Antônio da Mouraria lá se instalou em 1734.²⁷

Entre as documentações catalogadas por Noronha Santos no arquivo Central do IPHAN, constatei cópias de algumas páginas do livro de registro de entrada de irmãos da Nossa Senhora do Rosário e São Benedito no período colonial ao primeiro e segundo reinado. Nele é discriminado as profissões e as etnias de alguns de seus membros. É possível constatar a diversidade de irmãos que frequentavam a igreja. Brancos, pardos, pretos, crioulos e mestiços que entre as suas profissões

²⁶ CRUZ, T. C. C. As irmandades religiosas de africanos e afrodescendentes. Artigo da aluna ouvinte de mestrado em Antropologia Social. UFSC.

²⁷ SOARES, M. C. Devotos da Cor: Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. p. 139

incluíam empregados públicos, atuantes no comércio e na indústria e irmãos sem designação de profissão.²⁸

²⁸ Em 1665, no Rio de Janeiro, os franciscanos criam um cemitério para os escravos da ordem, sendo a cidade a primeira a providenciar o enterro dos mesmos. Esse foi o primeiro momento em que os escravos passaram a ser sepultados e enterrados. Antes disso eles eram abandonados nas portas das igrejas ou deixados nas praias para serem levados pelo mar.

3.4 OS CARGOS DOS IRMÃOS NAS IRMANDADES

Os principais cargos presentes nas irmandades eram o de juiz, provedor, procurador, tesoureiro, escrivão e consultor. Na irmandade do Rosário e São Benedito, as portas eram abertas também para brancos e pardos, sendo que os últimos não podiam tornar-se membros da mesa diretora. Os cargos de juiz e tesoureiro eram exclusivamente reservados aos brancos.

As festas dedicadas aos padroeiros eram um momento muito importante para as irmandades, pois era quando acontecia o recolhimento das contribuições. Eram recolhidos vários tipos de contribuição: a taxa de inscrição, a contribuição anual e uma grande quantidade de contribuições suplementares. O valor das taxas variava de acordo com a cor do membro admitido. Os irmãos brancos, que naturalmente tinham uma melhor condição financeira, contribuía com uma quantidade maior que a dos irmãos negros. Não existia uma distinção de pagamento em relação ao sexo dos membros. Homens e mulheres pagavam a mesma importância, o que mostra uma certa igualdade entre as mulheres nessas associações. Na verdade, as mulheres chegavam a ocupar cargos de direção e honra nas irmandades; participavam da mesa administrativa, exercendo principalmente a função de rainha, irmã de mesa ou mordomo, esta responsável pela organização das festas.²⁹

²⁹ QUINTÃO, A. A. Lá vem o meu parente: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e Pernambuco (Século XVIII). p. 89

CAPÍTULO 4

A IGREJA E A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DOS HOMENS PRETOS DO RIO DE JANEIRO

4.1 A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DOS HOMENS PRETOS

Em meados de 1640 devotos de Nossa Senhora do Rosário, que tinham a imagem da santa na Igreja de São Sebastião no antigo morro do Castelo, acabaram nesse mesmo ano formando a irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Nessa mesma igreja existia também uma confraria de São Sebastião. Ambas foram fundadas por homens negros, tanto escravos como alforriados. Era comum duas confrarias coexistirem no mesmo templo enquanto aguardavam a construção da sua própria igreja. Elas ocupavam os altares laterais dos templos religiosos enquanto juntavam fundos para a construção da sua própria igreja. Em fevereiro de 1668, o juiz eleito para a confraria de Nossa Senhora do Rosário foi o mesmo eleito para a de São Benedito, o que acarretava a união das duas confrarias numa só. Eles se instalaram inicialmente na igreja de São Sebastião.³⁰



Figura 3 - Símbolo da Irmandade do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos do Rio de Janeiro – Site da Irmandade

³⁰ CASTRO, Dr. O. Memórias Sobre a irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Publicada na edição especial do “Jornal do Comércio”, 1928.

Em 22 de março de 1669 foi aprovado o compromisso da igreja. O compromisso era um estatuto ou um compromisso interno que continha os objetivos daquela instituição, as regras para a admissão dos seus membros, as datas para a eleição da mesa diretora, os dias das festas dos seus santos de devoção organizadas pela igreja e os deveres e direitos que deveriam ser seguidos por todos. Ele podia sofrer modificações ao longo dos anos. Documentos como esse constituem uma das poucas fontes históricas redigidas pela população africana da época.³¹

Em 14 de janeiro de 1700, a irmandade recebeu licença para edificar a sua igreja, antes mesmo de ter um terreno para construí-la. Essa construção iria demorar quase 40 anos para ser terminada. No dia 19 do mesmo mês e ano, a igreja, através de Alvará, conseguiu o privilégio de celebrar ofícios divinos com sacerdotes de sua escolha. Em 1701, a Sra. D. Francisca de Pontes, muito devota de Nossa Senhora do Rosário, ofereceu um terreno na Rua Pedro Costa (atual Uruguaiana) de 7 braças de frente de terra com 32 de fundos (equivalente a 15,40m de frente e 70,40m de fundos) para que nele fosse edificada a igreja para a sua santa. De posse do terreno, a irmandade o cerca, limpa e aterra para prepará-lo para iniciarem as obras. Todo esse trabalho durou alguns anos e o principal motivo foi que todo o serviço era realizado por alguns membros da irmandade, que não possuía muitos recursos para investir na sua construção. No dia 2 de fevereiro de 1708, com a presença da irmandade, membros da Igreja, autoridades civis e muitos membros da população realizava-se a benção do terreno e colocação da primeira pedra pelo Padre Dr. João Pimenta de Carvalho, iniciando-se as obras alguns dias depois.

A construção da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito foi resultado de muita esforço e dedicação da irmandade. Ela se construiu e sobreviveu graças às doações de membros da comunidade e importantes figuras políticas da época e também dos serviços gratuitos

³¹ MATTOSO, K. M. Q. Bahia século XIX: uma Província do Império. p. 27

prestados pelos seus fiéis. Um desses beneficiadores foi o governador da capitania do Rio de Janeiro, Luiz Vahia Monteiro, conhecido como o “Onça”, que foi eleito juiz da irmandade em 1728. No passado, Luiz Vahia já tinha feito algumas contribuições financeiras e arcou com os custos para a finalização do corpo da igreja ao assumir o cargo. No mesmo ano, João Machado Pereira, que possuía uma capela nos fundos da igreja, doou a mesma à irmandade. Em 1736, terminou a construção da igreja e a irmandade, em sinal de gratidão, mandou retratar o beneficiador Luiz Vahia Monteiro em pintura a óleo em tamanho natural no consistório³² da igreja, que infelizmente foi perdido no incêndio de 1967.

Em 10 de dezembro de 1744, a irmandade vê a necessidade de dar expansão à Igreja e amplia a obra, adquirindo de João Barbosa Calheiros oito braças de chão. A maioria das igrejas voltadas aos negros eram construídas afastadas dos centros urbanos. A igreja do Rosário e São Benedito foi erguida numa das áreas mais desvalorizadas da cidade, conhecida como Rua da Vala.

Em 1736, a irmandade finalmente possuía a sua igreja e patrimônio, e podia, juntamente com os seus membros e fiéis, celebrar a devoção aos seus santos, enterrar os seus mortos e amparar, sempre que possível, os seus irmãos que tanto sofriam naquela sociedade.

³² O consistório era um local dentro da igreja designado a reuniões e assembleias.

4.2 A IGREJA É A CATEDRAL DE 1737 A 1808

A construção de uma catedral era vista pela corte portuguesa como a oportunidade perfeita para expressar a sua fé religiosa e seu compromisso com a Igreja Católica. No Rio de Janeiro, a primeira Sé Catedral foi a igreja de São Sebastião, erguida a partir de 1567 por ordem de Mem de Sá e situada no Morro do Castelo. Em 1734 a igreja era de difícil localização e estava muito danificada, pondo em risco a vida dos seus membros, o que acabou fazendo com que o Cabido,³³ acompanhado dos seus fiéis, abandonassem a igreja no mesmo ano. Cansados das íngremes ladeiras que precisavam subir para chegar ao alto do morro, os seus membros passaram a frequentar as igrejas que tinham um acesso mais cômodo.³⁴

Inicialmente, o Cabido foi para a igreja de Santa Cruz dos Militares, localizada na Rua Direita, atual Primeiro de Março, cuja a irmandade, formada por militares brancos e graduados, conseguiu com muita persistência retirar o “intruso”. Tentaram ocupar a igreja da Candelária, mas também não foram bem recebidos. Partiram então para a igreja São José, onde permaneceram por 3 anos e se retiraram devido a desentendimentos com a irmandade.³⁵

A irmandade recebe uma notificação do Bispo, informando a vinda do Cabido para a sua igreja. Imediatamente, uma reunião da mesa responsável foi formada e, depois de muito se debater, foi decidido negar a vinda do Cabido para a igreja do Rosário. A irmandade apresentou ao Bispo os seus motivos para negar o pedido, sendo o principal o medo de perder a igreja em vista do Alvará de 30 de setembro de 1734.

³³ Conjunto de clérigos de uma catedral, igreja ou colegiada.

³⁴ CAVALCANTI, N. O Rio de Janeiro Setecentista A vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte. p. 353

³⁵ SIQUEIRA, R. Igrejas do Rio de Janeiro: história e devoção. p. 164

“Esse Alvará mandava colocar no altar-mor da Igreja da Cruz a imagem de São Sebastião, o que dava ao Cabido o direito de posse e senhoria daquela igreja, que perderia o seu título, ficando dali em diante pertencendo ao Padroado Real, como o eram todas as catedrais das conquistas portuguesas.”³⁶

Ao contrário das outras igrejas escolhidas anteriormente, a Nossa Senhora do Rosário era formada por uma irmandade predominantemente de homens negros e frequentada pelos mesmos, sendo assim, não tinha tanta voz e relações políticas para impedir a permanência do Cabido.

Um acontecimento ocorrido posteriormente à presença do Cabido na irmandade, mas que relata um pouco as questões sociais sofridas por uma irmandade negra na época, foi a Procissão das Cinzas de 1849. A procissão, que era promovida pela Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, acontecia no início da Quaresma. No ano já mencionado acima, a Ordem impediu que o andor com a imagem de São Benedito participasse da procissão, alegando que “branco não carrega negro nas costas”. Naquele ano, a febre amarela castigou grande parte da população, fazendo com que os mais supersticiosos dissessem que era devido ao mau trato ao santo negro. No ano seguinte, o andor com São Benedito voltou à procissão.³⁷

No ano de 1737, a irmandade apelou ao Rei D. João V, para retirar o Cabido da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A esta solicitação foi respondido que a permanência do mesmo era provisória, somente até que a nova Sé fosse construída.

Em 1742, o Rei D. João V mandou uma carta ao Bispo recomendando cessarem às queixas que a irmandade fez em relação ao Cabido liberando para a irmandade o direito de exercício de todas as funções do culto divino que se costumavam fazer, permitindo a eles o livre uso da igreja que edificaram. Porém, não foi o suficiente para chegarem a um acordo. Em 11 de fevereiro de 1808, veio o acordão que reconheceu

³⁶ CASTRO, Dr. O. Memórias Sobre a irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Publicada na edição especial do “Jornal do Comércio”, 1928.

³⁷ Patrimônio Vivo: Arte e História nas igrejas Cariocas. Rio de Janeiro: IPHAN.

que a Igreja do Rosário era propriedade da sua irmandade e que pelo Alvará de 14 de janeiro de 1700, tem a irmandade o privilégio de chamar para as suas funções os sacerdotes e músicos que forem de seu agrado. “Esta sentença foi confirmada em grau de recurso, em 11 de agosto de 1808, terminando de uma vez para sempre todas as pendências que por motivos delas por mais de sessenta anos ocupara os tribunais”.³⁸

Porém, somente em abril de 1808 a Sé Catedral e o cabido foram para a Igreja do Carmo, por decisão do Príncipe Regente D. João, recém chegado ao Rio de Janeiro. Durante o período de 71 anos em que a Igreja do Rosário sediou a Sé, a irmandade e seus fiéis sofreram muitos abusos de poder pela mão do cabido, que administrava a igreja como bem entendesse.

Foi determinado pelo príncipe regente D. João fazer uma visita à Igreja do Rosário para agradecer a boa viagem que fizeram de Lisboa para o Brasil, logo após o seu desembarque com a família Real no Rio de Janeiro, fato que acontece no dia 8 de março de 1808. A irmandade se mobilizou para receber a família Real, porém foi impedida pelas sentinelas postadas na porta da igreja por ordem do Cabido. Graças à ajuda do préstito e de um alto funcionário, que na ocasião fora prestigiar o Rei, a irmandade conseguiu passagem e tomou parte da recepção.

Em determinação ao Alvará de 15 de julho de 1808, a Igreja dos Frades do Carmo foi elevada à Capela Real, sendo o Cabido na tarde desse mesmo dia, transferido para lá, depois de permanecer hospedado por setenta anos, nove meses e quinze dias na igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos.

³⁸ CASTRO, Dr. O. Memórias Sobre a irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Publicada na edição especial do “Jornal do Comércio”, 1928.

4.3 O SENADO DA CÂMARA SE ESTABELECE NO CONSISTÓRIO DA IGREJA EM SETEMBRO DE 1821

As obras do consistório da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro tiveram início no dia 5 de novembro de 1764. No dia 16 de julho de 1809, logo após a chegada da família real ao Rio de Janeiro, o Senado da Câmara se estabeleceu no consistório da igreja do Rosário, depois de muitas transferências de estabelecimentos; se instalando até em residências nas ruas Direita e do Rosário. Foi nesse ambiente que foram tomadas decisões que conduziam à independência do Brasil e importantes acontecimentos envolvendo a história do nosso país. Somente em 1825 a sede do Senado da Câmara foi transferida para o Campo de Santana.³⁹

Entre os fatos históricos relacionados ao consistório está o “Dia do Fico”, momento em que uma comitiva liderada pelo Juiz de Fora José Clemente levou uma lista com oito mil assinaturas pedindo a permanência do Príncipe Regente D. Pedro no Brasil.

“Foi do consistório da igreja do rosário, que saiu o Senado da Câmara com seu estandarte à frente, no dia 09 de janeiro de 1822 para apresentar ao príncipe regente D. Pedro a representação em que o povo pedia a este que, desobedecesse às ordens de Lisboa, ficasse no Brasil”.⁴⁰

Foi lido de um dos balcões da igreja, por Inocêncio da Rocha Maciel, para uma população ansiosa, a resposta do príncipe regente conhecida como o dia do “Fico”: “Se é para o bem do povo e felicidade geral da nação, estou pronto! Diga ao povo que fico”.

Nos dias que antecederam a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel no dia 13 de maio de 1888, era presente no consistório a mesma energia visível nos dias que antecederam o dia da Independência do Brasil. O consistório serviu como centro de ação, onde posteriormente foram

³⁹ CAVALCANTI, N. O Rio de Janeiro Setecentista A vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte. p. 355

⁴⁰ CASTRO, Dr. O. Memórias Sobre a irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Publicada na edição especial do “Jornal do Comércio”, 1928.

conservados troféus, que eram exibidos em dias solenes nas comemorações cívicas. A irmandade possuía os estandartes das associações que participaram da luta abolicionista, entre eles o Glorioso Estandarte da Confederação Abolicionista (fundada em 1883).



Figura 4 - Consistório antes do incêndio – Arquivo Central do IPHAN



Figura 5- O consistório hoje em dia castigado pela infiltração – Foto pessoal

CAPÍTULO 5

A ARTE E A ARQUITETURA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DOS HOMENS PRETOS

5.1 AS MÁS ADMINISTRAÇÕES E OS SEUS RESULTADOS

A Igreja do Rosário foi decaindo muito ao longo dos anos devido ao desleixo de muitas administrações. Por volta de 1831 a igreja precisava de reformas urgentes, principalmente no forro da nave. Todos os membros viam os problemas que atingiam a igreja e, durante as reuniões, o assunto era constantemente abordado nas mesas administrativas, porém ninguém se encarregava de tomar a frente dessa situação.

Em 1837, ocupou o cargo de juiz o tenente coronel Francisco Ferreira Gomes, muito estimado e interessado pelas obras do templo, além de dispor de recursos monetários. Em 12 de agosto de 1838, foi decidido, em reunião da mesa conjunta presidida pelo novo juiz, a realização das obras da igreja, começando pela forro e assoalho. Francisco Ferreira Gomes se comprometeu a doar toda a madeira necessária para a forração e o assoalho. Em maio de 1839, foi nomeada uma comissão para apresentar o plano de obra, aprovado em 1840.

Com grande lentidão, foram sendo realizados esses trabalhos, até que, em 20 de setembro de 1846, o juiz de São Benedito, Antônio José Dutra, propôs a suspensão das obras da igreja devido à falta de recursos. No ano seguinte, o juiz da Nossa Senhora do Rosário, José Caetano da França, sugeriu que a irmandade recorresse ao governo imperial para a concessão de loterias com a finalidade de conseguir acabar as obras, porém tal pedido não lhe foi concedido.

Em 1858, Abraão Felipe do Espírito Santo foi eleito juiz da Nossa Senhora do Rosário e começaram algumas mudanças administrativas na igreja. As receitas mensais da irmandade são recolhidas e colocadas em um estabelecimento bancário. Com os anos o rendimento foi aumentando e, em 1860, essas importâncias já passavam de 12 Conto de réis. Pela

primeira vez a igreja possuía rendimento para as obras, que se iniciaram no mesmo ano.

Vários projetos e orçamentos foram mandados para a mesa administradora e, em 1861, foi fechado contrato com projeto sob o plano do Dr. Antônio Jaci Monteiro, mediante o pagamento de 21 contos de réis. A finalização das obras foi prevista para 8 de dezembro de 1862.

As várias obras de reforma da Igreja do Rosário duraram alguns anos, resultado da falta de recursos da sua irmandade. Sobre essas intervenções não existem muitas informações específicas, porém um "cronograma" relatando essas datas está presente no Arquivo Central do IPHAN; além de informações presentes na ficha de cadastro do bem tombado feita pelo IPHAN, na seção "resumos das intervenções no bem tombado". Até o ano de 1862, todos esses fatos importantes foram tirados da "Breve Notícia da irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos" escrita pelo mesário Joaquim José da Costa em 1886. Posteriormente a isso, os seus registros foram redigidos por Noronha Santos a partir de documentos achados nas dependências da irmandade, como: recibos de pagamentos feitos a prestadores de serviço, cópias dos lucros da irmandade feitos por Layce Leite de Araújo, além de correspondências trocadas por quem prestava esses serviços na época.

Abaixo faço um cronograma completo referente às reformas ocorridas na Igreja:

Em 1764, aconteceu a reconstrução do consistório nos fundos da igreja.

Em 1765, ocorreram concertos na capela mor, na sacristia e nos sinos.

Em 1772, concertos na igreja e na capela mor.

Em 1773, aconteceu a reedificação da capela mor da igreja.

Em 1774, João Barbosa Calheiros vendeu à irmandade oito braças de terreno contíguo à igreja.

Em 1865, foi inaugurada uma pia de mármore na sacristia da Igreja, ofertada por João Batista Moreira da Silva.

Em 1867, o escultor Belmiro Antônio dos Santos Delgado finalizou as obras de talha na igreja.

Em 7 de maio de 1881, a igreja arrendou um terreno anexo ao templo onde outrora ficavam as catacumbas. Em julho do mesmo ano, a mesa administrativa se reuniu para falar a respeito das obras do templo, inclusive da construção de uma torre.

Em 9 de novembro de 1883, a pintura e o engessamento do templo foram concluídos e aconteceu a colocação de caixilhos em uma janela do corpo da igreja.

Em 1884, ocorreu a perfuração de duas portas no frontispício da igreja e a construção do corredor das tribunas ao lado da travessa do Rosário.

Em 10 de janeiro de 1886, um empréstimo foi feito com a finalidade de terminarem as obras na igreja. A partir disso vários consertos tiveram início: colocação da cantaria nova em todas as portadas da igreja; construção de claraboia no corredor por trás do altar mor; consertos no consistório e no coro; colocação de mármore e mosaicos nos corredores laterais, sacristias e entradas laterais do templo; instalação de água e gás nas dependências da igreja e colocação de assoalho no corpo da igreja.

Em 1908, propostas foram apresentadas à mesa administrativa para análise e decisão. No mesmo ano começou a retirada do assoalho, substituído por ladrilhos. A escada de madeira existente na capela mor foi substituída por uma de mármore branco. Também aconteceu o aterro do porão da capela mor.

De 1924 a 1933, foram apresentadas propostas para instalação de luz elétrica.

Em 1931, foi inaugurada a iluminação da fachada da igreja e ocorreu a instalação de um portão de ferro para a porta do centro da fachada.

Em 24 de julho de 1934, a proposta do pintor Armando Martins Viana para decoração de painéis foi apresentada.

Em 1953, ocorreu a caiação e a limpeza da fachada.

Em 1961, aconteceu a obra da loja situada na esquina da Praça Monte Castelo com o Beco do Rosário, na parte posterior da igreja.

Em 1964, ocorreu a colocação de um chumbadouro na fachada da igreja, destinado a suportar uma lâmpada de iluminação pública.

Em 1965, foram feitas obras de revestimento nas fachadas e torres; reparos nas molduras do frontão, cimalha, além da limpeza das cantarias, das fachadas; das ferragens e do mármore da porta principal.

Na aquarela de Thomas Ender de 1817 podemos observar a fachada da igreja antes da reconstrução que viria a ocorrer em 1861. Nessa reconstrução foram acrescentadas a torre do lado esquerdo e o sino, e ambas as torres foram coroadas por bulbos.

Na parte superior da construção, o frontão triangular também foi incluído no século XIX. Essa característica neoclássica decora a fachada, criando um maior diferencial observado nas igrejas do primeiro período.

A portada anterior também foi conservada e é encimada por medalha da padroeira.

Apesar da igreja ter sido reformada no oitocentos, época em que ocorreu um aumento considerável no uso de pedra na área das fachadas, a igreja do Rosário e São Benedito não possui muitos trabalhos de cantaria. O uso de pedra é bem limitado, como era observado em algumas igrejas de irmandades mais pobres. Esse trabalho está presente na base das pilastras e do emolduramento dos vãos da fachada.⁴¹

⁴¹ ALVIN, S. *Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro*, Volume II. p. 254



Figura 6- Thomas Ender, igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, 1817



Figura 7 - Fachada da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos - Arquivo da irmandade do Rosário

5.2 A IGREJA ANTES DO INCÊNDIO

Grande parte das igrejas brasileiras eram inspiradas nas igrejas portuguesas. As formas eram bastante primárias e marcadas por uma sobriedade. Durante os dois primeiros séculos do período colonial, essa arquitetura se caracterizava pela austeridade das linhas que marcavam com pedra as fachadas das igrejas. A arquitetura maneirista caracteriza-se pela simplicidade, sobriedade e solenidade. O estilo maneirista pode ser observado no frontispício da Igreja de Nossa Senhora de Montserrat do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro. A rígida repartição geométrica com linhas sóbrias e retas em pedras, contrastando com o cal branco das paredes, determina uma composição extremamente estática, peculiaridade das fachadas deste período. Uma característica presente na igreja de Montserrat do Mosteiro de São Bento é a fachada encimada por frontão triangular de ponto alto e ladeado com duas torres de planta quadrada, encimadas por pirâmides.⁴²



Figura 8 -Igreja de Montserrat no Rio de Janeiro – foto de Alexandre Macieira/site ViajeAqui

⁴² Guia das igrejas históricas da cidade do Rio de Janeiro. p 14-15.

O estilo barroco foi adotado no Brasil no final do século XVII e início do XVIII. Existiu um forte impacto resultado do contraste entre os exteriores das igrejas que possuíam um estilo mais sóbrio e os seus interiores extremamente trabalhados pelas talhas, com elementos cheios de simbolismos e significados.



Figura 9 - Detalhe da nave central da igreja e da capela mor - Laboratório de história oral e imagem LABHOI-UFF

O estilo rococó não possuía tantos simbolismos, utilizava formas mais orgânicas e deu preferência a fundos claros, em especial o branco e tons pastéis. aplicação do uso de cor claras . Sua presença na arquitetura é mais frequente na decoração e nas portadas do que no conjunto. Podemos observar a sua maior expressão nas talhas, onde as curvas são mais sinuosas e isoladas com a procura de assimetria e simplificação das linhas e dos planos. A sua utilização se prolongou para o século XIX, convivendo às vezes com o neoclassicismo, muito

empregado depois da chegada da Missão Francesa ao Rio de Janeiro no início do século XIX.⁴³

Como já dito anteriormente, a igreja do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos foi erguida a muitas custas pela sua irmandade e seus membros fiéis. A Igreja se distingue por ser um dos maiores templos coloniais do Rio de Janeiro. A autoria do seu projeto é desconhecida. O início das obras da igreja datam de 1708, a inauguração da mesma em 1725, sendo somente em 1736 os trabalhos concluídos. Em 1772, a capela mor foi reconstruída e, em 1861, aconteceu a reconstrução da fachada.

A igreja sofreu um incêndio em 1967, por esse motivo atualmente não possui ornamentos no seu interior. O incêndio destruiu sua obra de decoração interna, deixando somente a estrutura das paredes. Os antigos altares existentes haviam sido esculpidos pelo Mestre António Jaci Monteiro, mas infelizmente foram totalmente destruídos. A decoração interna original apresentava um estilo barroco, com talhas pobres, consequência do seu baixo poder aquisitivo. As talhas estavam presentes principalmente no púlpito, nos altares, nos retábulos e no arco cruzeiro.⁴⁴

A igreja possuía uma abóboda que cobria parte da capela mor. Nos dias de hoje, a igreja possui duas abóbodas de berço, uma na capela mor e outra na nave, sem nenhuma iconografia. A abóboda era esférica, com imagem de uma fênix, representando a ressurreição; a cruz e o cálice, representando a fé e o cordeiro, que é Jesus.

O teto de toda a nave era de madeira pintada. No teto da capela mor existia uma pintura de Nossa Senhora do Rosário, com o Menino Jesus em seu colo, com um terço na mão e São Benedito ajoelhado.

⁴³ Guia das igrejas históricas da cidade do Rio de Janeiro. p 15-16

⁴⁴ A talha foi o principal elemento empregado na conformação do espaço interno das igrejas. Ela interfere diretamente na definição da volumetria interna da nave e da capela mor, possibilitando uma radical modificação dos seus interiores, além de criar uma continuidade espacial nesse espaço.

Ao pesquisar imagens do tombamento no Arquivo Central do IPHAN, também constatei a presença de quatro painéis pictóricos com moldura, em local não especificado nos documentos referentes a série inventário da Igreja do Rosário.



Figura 10 e 11- Detalhe das talhas no arco cruzeiro e no púlpito da igreja antes do incêndio – Imagem do Arquivo central do IPHAN



Figura 12 e 13 - Abóbodas da Igreja antes do incêndio – Arquivo Central do IPHAN



Figura 14 - Pintura no teto da nave antes do incêndio – Arquivo Central do IPHAN



Figura 15, 16, 17 e 18 - Da esquerda para a direita imagens de São João Evangelista, São Marcos, São Mateus e São Lucas respectivamente na igreja antes do incêndio – Arquivo Central do IPHAN

A igreja possuía sete altares, quatro à direita e três à esquerda. Ao entrar, a atenção do visitante era logo direcionada às imagens de Nossa Senhora da Cabeça, Santa Ana, Santo Antônio e São José, posicionadas no lado da Epístola (lado direito).



Figuras 19 e 20 - Altares com Santo Antônio e São José antes do incêndio – Arquivo Central do IPHAN



Figuras 21 e 22 - Altares com Nossa Senhora da Cabeça e Santa Ana antes do incêndio – Arquivo Central do IPHAN

Nos altares do lado do Evangelho (lado esquerdo) estavam Santa Bárbara e Santa Luzia, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora das Dores. Nas paredes que antecediam a capela mor estavam presentes Santa Teresinha, no lado do Evangelho. É possível observar uma imagem no lado da Epístola nas fotos antigas direcionadas para a capela mor, porém o Arquivo Central do IPHAN não apresentava fotos dessa imagem.



Figuras 23, 24 e 25 - Altares de Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara e Nossa Senhora das Dores antes do incêndio – Arquivo Central do IPHAN



Figura 26 - Imagem de Santa Teresinha, no lado do Evangelho, na parede que antecede a capela mor – Arquivo Central do IPHAN

Na sacristia havia um altar com o crucifixo e sobre os dois arcazes de jacarandá se contemplava uma imagem do Cristo amarrado à coluna depois da flagelação. Na galeria dos irmãos, quadros a óleo com retratos de diversos benfeitores e dos irmãos Paulino Simplício, Armando Viana e de Luiz Vahia Monteiro. No consistório, a imagem de Nossa Senhora do Rosário em tamanho natural, retratos a óleo da princesa Isabel, D João VI, José do Patrocínio e diversas outras importantes personalidades relacionadas à igreja. A igreja do Rosário não tinha luxos, a sua simplicidade indicava “uma casa essencialmente do povo”, que estava sempre aberta a todos.

O piso era de ladrilho. Atualmente, ainda existe no corredor lateral um resquício do piso original que sobreviveu ao incêndio de 1967. O piso estrutura-se a partir de painéis, formando um padrão pela repetição das figuras. Ele forma um revestimento contínuo, que materializa o gosto de uma outra época. Nas dependências da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito nos dias de hoje, o piso de ladrilho atua como ornamentação e referência a um estilo passado não mais presente na igreja.⁴⁵

⁴⁵ O corpo de José do Patrocínio, importante defensor da causa abolicionista, foi exposto na sacristia da igreja em 1905, época do seu falecimento. A doadora do terreno, Dona Francisca de



Figuras 27 e 28 - Antiga sacristia antes do incêndio e Sacristia original com o piso conservado – Arquivo Central do IPHAN e foto pessoal



Figuras 29 e 30 - Corredor lateral antes do incêndio e hoje em dia com o piso conservado – Arquivo Central do IPHAN e foto pessoal

Pontes, também foi enterrada na igreja do Rosário. A igreja também acolheu os restos mortais da Princesa Isabel e de seu marido, o Conde d'Eu, que permaneceram expostos à visitação pública, em urnas mortíferas, até serem levados para Petrópolis.

5.3 A ARTE NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO ANTES DO INCÊNDIO

No pasta inventário da igreja do Rosário disponíveis no Arquivo Central do IPHAN há uma catalogação das pinturas, placas de metal comemorativas e estandartes presentes na igreja na época do seu tombamento, em 1938. Dois desses estandartes sobreviveram ao incêndio, foram restaurados e estão hoje no Museu do Negro, localizado no interior da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, assim como as placas em cobre, que permanecem nos seus lugares de origem. Todas as outras obras foram destruídas pelo incêndio. Relaciono abaixo os itens mencionados na documentação do Arquivo Central do IPHAN. Abaixo listo as pinturas, fotografias, estandartes e placas em cobre.

Placas:

- Placa em bronze colocada no interior do templo em homenagem ao centenário da morte do escultor Valentim da Fonseca e Silva, o mestre Valentim. A placa é de primeiro de março de 1913 e nela é gravado um medalhão com a efigie do escultor e num dos cantos as palavras: Mestre Valentim. Nos dias de hoje, a placa ainda está presente na entrada da igreja, no lado da Epístola. Embaixo dela se encontra o ossário. Mestre Valentim foi um notável artista da responsável pelo portão do Passeio Público, além de ter realizado alguns trabalhos de entalhes na igreja do Rosário.



Figura 31 - Placa pelo centenário da morte do mestre Valentim presente na Igreja nos dias de hoje

– Foto pessoal

- Placa em bronze do escultor Rodolfo Bernardelli, mandada esculpir pela prefeitura do distrito federal, em memória da data de 9 de janeiro de 1822. A placa ainda permanece no mesmo local de antes do incêndio, na fachada da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São benedito dos Homens Pretos, do lado esquerdo da porta. Ela foi inaugurada em 9 de janeiro de 1922, com a presença do Presidente da República Dr. Epitácio da Silva Pessoa, ministros de estado, representantes da justiça, da administração e do prefeito do distrito federal, Dr. Carlos Cesar de Oliveira Sampaio. A placa tem um medalhão com a esfinge de José Clemente Pereira, com a seguinte inscrição: ARRANJAR FOTO

Desta igreja
 Onde funcionava
 O senado da câmara
 Sahiu às 12 horas da manhã
 De
 Nove de janeiro
 De 1822
 O préstito que tendo à frente
 José Clemente Pereira
 Foi solicitar ao príncipe regente
 D. Pedro
 Ficasse no Brasil
 Em comemoração
 Do primeiro centenário
 Desse acontecimento

Pinturas que se encontravam no consistório da igreja, no corredor lateral do pavimento térreo e no gabinete do capelão:

- Abraão Felipe do Espírito Santo, irmão jubilado. Junto com a mesa administrativa de 1861, restaurou o templo, aberto em 1863. Retrato a óleo, em tamanho natural. Foi restaurado em 1933, nome do artista ou do restaurador mencionados.

- D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro. Pintura a óleo, em tamanho natural. Quadro restaurado, não contendo nome do autor ou restaurador.

- Meio corpo de D. João VI a óleo. Quadro também restaurado, não constava nome do autor ou restaurador. É mencionado que o trabalho seja provavelmente do começo do século XIX.



Figura 32 - Meio corpo de D. João VI a óleo – Arquivo central do IPHAN

- Pintura em tamanho natural de Fortunato José Francisco Lopes, irmão jubilado. Quadro restaurado, não contendo nome do artista ou restaurador.

- Quadro em tamanho natural do governador Luiz Vahia Monteiro. O quadro foi restaurado em 1933, não contendo o nome do artista ou do restaurador. Noronha Santos menciona que trata-se possivelmente de um trabalho executado nos tempos coloniais, de acordo com as referências constadas na documentação da irmandade.



Figura 33 - Pintura do governador Luiz Vahia Monteiro – Arquivo central do IPHAN

- Pintura de Israel Antônio Soares em tamanho real. A obra é do pintor Silvio Graziani de 11/5/1920. Tinha a seguinte legenda “homenagem DA ADMINISTRAÇÃO DE 1919-1920“. O quadro foi restaurado em 1933.
- Pintura de Israel Antônio Soares, meio corpo em crayon. O quadro foi apresentado à irmandade pela irmã-juíza, Martinha de Carvalho e é de autoria de G. A. Portuguez de 1915.
- Pintura de meio corpo do capelão da igreja Joaquim Antônio Pedroso, que ocupou o posto por 52 anos. Foi restaurada em 1933, não constava o nome do pintor ou do restaurador.
- Pintura em crayon de José do Patrocínio. Não possui data nem menção ao autor.
- Pintura de meio corpo da irmã Julia Fillipone, sem menção de data ou autor.
- Meio corpo a óleo do Monsenhor Luiz Raimundo da Silva Brito. O quadro foi restaurado em 1933.

- Meio corpo a crayon de Manoel da Mota Monteiro Lopes, datada de 1913. O trabalho era do artista R. Raso e tinha a legenda, “Nasceu no Recife (Pernambuco) em 25 de dezembro de 1870 e faleceu na capital federal a 13 de dezembro de 1910 – ex-deputado.”

Quadros que se encontravam no consistório da irmandade e no corredor lateral do pavimento térreo da igreja:

- Oleografia da Ceia dos Apóstolos. A imagem foi reentelada em 1933. O artista não é mencionado.



Figura 34 - Ceia dos apóstolos – Arquivo Central do IPHAN

- Diploma da irmandade do Rosário, da cidade de São Paulo.
- Fotografia da fachada da igreja do Rosário com as duas torres.
- Outra fotografia da fachada da igreja com as duas torres, antes da última obra.
- Pintura a óleo do naufrágio de um navio, assinada por Estrada. Foi restaurada em 1933.

- Duas litografias, impressa em São Paulo, de Papas que tinham exercido a chefia da Igreja Católica. Eram comemorativas do centenário da Independência do Brasil.
- Oleografia da primeira missa do Brasil. Reprodução do quadro de Vitor Meirelles, “A primeira missa no Brasil” de 1861.
- Retratos do presidente do conselho, Visconde do Rio Branco e demais ministros do gabinete 7 de março, que libertou os filhos da mulher escrava, em 28 de setembro de 1871.
- Quadro feito pelo pintor Armando Viana, representando a chegada do Príncipe Regente D. João, a Princesa Carlota Joaquina e a comitiva real à igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. O quadro foi adquirido pela prefeitura do Distrito Federal para o museu da cidade em 1937.



Figura 35 - Armando Viana, chegada de D. João a igreja do Rosário – Arquivo central do IPHAN

Relação de estandartes de associações abolicionistas, do período de 1875 a 1888, que se achavam guardados no consistório da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

- O estandarte da Caixa libertadora José do Patrocínio, associação fundada em 24 de junho de 1880 por iniciativa de Israel Antônio Soares.



Figura 36 - Estandarte da caixa libertadora José do Patrocínio – Arquivo central do IPHAN

- O estandarte do Centro abolicionista Ferreira de Menezes, que foi um literato e jornalista, fundador do jornal abolicionista “Gazeta da Tarde”. Ferreira de Menezes faleceu em 6 de junho de 1881.



Figura 37 - Estandarte do centro abolicionista Ferreira de Menezes – Arquivo central do IPHAN

- Estandarte do clube abolicionista sul rio-grandense – queremos a Pátria livre. O clube era constituído por estudantes do Rio Grande do Sul, no qual pertenciam condiscípulos destes, filhos de outras províncias do país.



Figura 38 - Estandarte do clube abolicionista sul rio-grandense – Arquivo central do IPHAN

Estandarte da caixa emancipadora Joaquim Nabuco. Caixa fundada em honra do deputado Dr. Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo um dos maiores apóstolos da propaganda abolicionista.



Figura 39 - Estandarte caixa emancipadora Joaquim Nabuco – Arquivo central do IPHAN

- Estandarte do centro abolicionista forense. Fundado por vários advogados.



Figura 40 - Estandarte do centro abolicionista forense – Arquivo central do IPHA

- O estandarte da cidade do Rio. Era um jornal vespertino, fundado e dirigido por José do Patrocínio, desde 1887.



Figura 41 - Estandarte da cidade do Rio. Arquivo central do IPHAN

- O estandarte do clube da propaganda libertadora do primeiro distrito de Santa Rita. O clube era formado por vários negociantes da freguesia de Sana Rita.



Figura 42 - Estandarte do clube da propaganda libertadora do primeiro distrito de Santa Rita - Arquivo central do IPHAN

5.4 O TOMBAMENTO DA IGREJA PELO IPHAN

Em 7 de abril de 1938 a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos foi tombada pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Nos documentos referentes ao inventário da igreja do Rosário disponibilizados no Arquivo Central do IPHAN é disponibilizado uma ficha de cadastro do bem tombado feita em maio de 1987, posteriormente ao seu tombamento e à data do incêndio. Nos documentos estão presentes diversas informações sobre a igreja, sua história e o seu estado de conservação; detalhes que foram importantes para a elaboração desta pesquisa.

No começo da documentação sobre a igreja disponibilizada no Arquivo Central do IPHAN, há um relatório de Noronha Santos falando sobre o estado dos arquivos encontrados na irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos referentes a igreja. “Com grandes falhas no seu acervo, a boa vontade e o espírito de cooperação dos dirigentes da Mesa Administrativa conseguiram suprir o que de desordem existe na secretaria.” O relatório foi finalizado no dia 25 de julho de 1941, tendo tomado três meses de pesquisa.

Em entrevista dada ao Jornal do Brasil no dia 28 de março de 1967, um dia após o incêndio, Judite Martins, então chefe da seção de História, explicou que o motivo da deficiência do arquivo de fotografias do patrimônio era a não disposição de laboratório para microfilmagens. Durante as pesquisas e o levantamento de dados eles eram obrigados a contratar os trabalhos de fotógrafos particulares que nem sempre vendiam os negativos. Na maioria dos casos foram só arquivados cópias das fotografias.

A ficha de cadastro fala sobre o estado de conservação da igreja na época do levantamento feito pelo IPHAN. Sobre isso é dito que o estado era bom, apesar de apresentar pontos de infiltrações. No campo utilização atual do espaço, também presente na ficha de cadastro, estava especificado que o espaço da igreja era utilizado de três maneiras

diferentes: religioso, equivalente à sua área interna; cultural, o Museu do Negro; e comercial, o seu exterior, onde se encontram as lojas.



Figuras 43 e 44 - Imagem de Nossa Senhora do Rosário em madeira presente na igreja antes do incêndio – Arquivo central do IPHAN



Figuras 45 e 46 - Imagem de São Benedito em barro presente na igreja antes do incêndio - Arquivo central do IPHAN



Figuro 47 - Imagem de Nossa Senhora da Conceição em barro - Arquivo central do IPHAN



Figuras 48, 49 e 50 - Imagens de Santa Apollonia, Santa Catarina e Santa Úrsula da igreja do Rosário, antes do incêndio - Arquivo central do IPHAN



Figura 51 - Imagens intitulada, os quatro primeiros papas, presentes na igreja antes do incêndio - Arquivo central do IPHAN



Figuras 52 e 53 - Fotografia de vaso antigo presente na igreja antes do incêndio - Arquivo central do IPHAN



Figuras 54 e 55 - Imagem de santo presente na igreja antes do incêndio. Nome não mencionado - Arquivo central do IPHAN

5.5 O INCÊNDIO DE 1967

O incêndio ocorreu na noite de Páscoa de 26 de março de 1967. O interior da igreja foi totalmente destruído restando apenas as paredes exteriores. Todo o patrimônio histórico da tradicional igreja foi perdido, restando apenas as paredes externas e uma interna, numa das quais permaneceu intacta a cruz de Cristo, no seu ponto mais alto.

Segundo informado pelos jornais da época, os primeiros sinais de fogo foram observados por pedestres que passavam pelo Largo de São Francisco. De acordo com a perícia, o fogo começou no Bar e Lanchonete Carioca, mas em uma hora e meia já tinha destruído um quarteirão. O desligamento da rede elétrica demorou para ser acionado, o que impediu a atuação dos bombeiros no local, devido ao risco de eletrocussão.

O incêndio foi um dos maiores já ocorridos na cidade. Muitos quartéis de bombeiros foram mobilizados para prestar assistência que contou com quase quinhentos homens. A urgência era tanta que as autoridades permitiram a participação da população para salvar as mercadorias nas lojas comerciais que ainda não tinham sido atingidas pelo fogo.

O fogo começou por volta da meia noite, estando a primeira brigada de incêndio já presente no local cinco minutos após o seu início. O capitão responsável pela brigada solicitou de imediato à Light Serviços de Eletricidade S.A o desligamento da rede elétrica devido ao perigo que todos corriam, porém o pedido só foi atendido as 1:30 da manhã, quando já era impossível conter o fogo. A demora no desligamento da rede elétrica atrasou o trabalho dos bombeiros, impedindo o salvamento do templo e dos estabelecimentos comerciais que o cercavam. Segundo relatado nos jornais da época, os bombeiros tentaram arrombar as portas de aço da lanchonete a machadadas, mas foram impedidos devido à descarga elétrica que acabou queimando seriamente um dos bombeiros. O fogo destruiu dezessete casas comerciais e dezoito salas do edifício Patriarca, além da igreja; de todo o arquivo do Instituto Geográfico da

Guanabara e do Museu dos Escravos, localizados no interior da igreja do Rosário. A área atingida abrangia as Ruas Reitor Azevedo Amaral ao lado da igreja, o Beco do Rosário, a praça Monte Castelo e a Rua Uruguaiana.

Depois do desligamento da energia, o combate às chamas foi dificultado pela falta de água no centro da cidade, o que obrigou a ligação de mangueiras até a Rua do Ouvidor. Um dos fatores que contribuíram para a velocidade com que o fogo tomou conta da igreja foi o seu interior ser composto predominantemente de madeira; as chamas logo tomaram conta de toda a igreja, se propagando do altar mor para o consistório e seguindo para o Museu dos Escravos, atual Museu do Negro.



Figuras 56 e 57 - Fotos da destruição – Jornal Meia Hora e O Globo de 28/03/1967

Segundo o juiz da irmandade na época, Américo da Silveira, só foi possível salvar do incêndio três cofres que se encontravam embutidos na parede do consistório e possuíam jóias de alto valor do tempo do Império. Todo o acervo do Museu do Escravo que continha cartas de alforria, documentos relacionados aos movimentos abolicionistas, medalhas e brasões, instrumentos de tortura dos escravos usados na época, gravuras de artistas famosos, documentos históricos e biografias de abolicionistas, foram perdidos no incêndio. Não só o patrimônio material foi destruído naquele dia, mas também diversos documentos e relíquias presentes no consistório que estavam ligados aos movimentos abolicionistas desapareceram com as cinzas. Muitos documentos presentes nos arquivos da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos também foram perdidos. Na ocasião, o governo da Guanabara doou 100 mil cruzeiros novos para a reconstituição. A irmandade também recebeu doações de empresas particulares e entidades governamentais, além de doações dos fiéis.

Segundo relatado ao Jornal Última Hora, no dia 28 de março de 1967, pelo comandante Jacarandá, que era o responsável pela brigada naquele dia, logo após as chamas se alastrarem pelo altar mor, seus homens arrombaram uma janela do consistório da irmandade: “A sala não tinha comunicações com a nave central e quando tentávamos penetrar na sacristia o incêndio já adquiria proporções gigantescas. Em questão de minutos o teto desabava em chamas, transformando o interior da igreja em mar de fogo”.

Ao saberem do incêndio, os fiéis ficaram devastados. Nas matérias dos jornais pude observar pessoas relatando os prejuízos que eram visíveis na igreja e algumas tradições que lá eram realizadas, que acabaram morrendo com o incêndio. Um desses relatos foi o de uma frequentadora, Dona Maria Rocha Pita ao Jornal Última Hora do dia 30 de março de 1967. “No segundo altar da ala tradicional havia uma imagem de Sant`Ana e no último uma de Nossa Senhora da Cabeça, que tinha na mão direita uma cabeça de prata, de tamanho regular, outra de ouro, de menor tamanho, e um coração da prata. No pedestal havia outra cabeça,

também de prata, doada por um devoto, após a obtenção de uma graça.“ Nos fundos funcionava a sala das juízas, onde as zeladoras e juízas reuniam-se para costurar e bordar as vestimentas dos santos. ”Uma das tradições da igreja de Nossa Senhora do Rosário é a das vestimentas santas. A maioria das imagens possuía roupas, como era feito antigamente, em todos os templos. Nós, periodicamente fazíamos reparos a máquina nos mantos e toalhas nos altares.”

Na opinião dada ao Jornal do Brasil do dia 28/03/1967 pela conservadora Ligia Martins Costa, que um ano antes do incêndio havia feito um levantamento descritivo da igreja do Rosário, um dos bens mais preciosos que existia na igreja do Rosário era uma imagem de Nossa Senhora do Rosário confeccionada em barro cozido, da primeira metade do século XVII. A imagem possuía traços muito primitivos e era uma das mais raras obras do artesanato da época.

A Light Serviços de Eletricidade S.A foi a principal acusada como responsável pela gravidade do incêndio. Se a rede elétrica tivesse sido desligada com mais agilidade, a ação dos bombeiros seria imediata, impedindo a propagação que o incêndio teve. Vários fatores contribuíram para a demora no desligamento da energia, tanto em relação aos recursos limitados da época, como o difícil acesso a telefones por exemplo, quanto à falta de planejamento e mapeamento dos sistemas de ligação da Light Serviços de Eletricidade S.A. Após o incêndio a Light Serviços de Eletricidade S.A deu início a um treinamento com os bombeiros cariocas para que os mesmos pudessem atuar em futuras emergências dessa natureza evitando que se repetissem os acontecimentos daquele dia.

Na época, o professor Marcelo Ipanema, diretor do Departamento do Patrimônio Histórico Estadual considerou imprudente a entrada de pessoas no templo, em busca de alguma ” recordação do incêndio” e dos perigos associados a isso, como a destruição das relíquias que se encontravam sob as cinzas. A remoção dos escombros deveria ser feita por uma equipe especializada, pois o trabalho era muito delicado e qualquer descuido poderia impedir a recuperação de algum possível

objeto soterrado. Durante a remoção dos escombros, somente um sacrário foi encontrado, que se encontra no altar da igreja do Rosário e São Benedito nos dias de hoje, além de dois estandartes de associações abolicionistas e às placas de metal já mencionados anteriormente.



Figura 58 - Sacrário encontrado nos escombros. Hoje está no altar da Igreja– Foto pessoal

Muito foi discutido pela diretoria da irmandade do Rosário e pela direção do Patrimônio Histórico sobre como seria feita a reconstrução da igreja. A irmandade mostrava interesse em reconstruir o templo com o máximo de detalhes originais possíveis, com base nos documentos e fotografias do arquivo. O patrimônio histórico informou que, a fim de ser mantido o tombamento de todo o conjunto, seria preciso apenas fazer a reconstrução da fachada, obedecendo as linhas tradicionais do prédio, pois o arcabouço não tinha sido destruído pelo fogo. Na época, os membros da diretoria da irmandade do Rosário e a direção do SPHAN examinaram a documentação e fotografias existentes no Arquivo do Patrimônio.

5.6 A RECONSTRUÇÃO DA IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DOS HOMENS PRETOS

No dia 30 de agosto do mesmo ano do incêndio, foram iniciadas as obras de reconstrução da igreja. Lúcio Costa foi o encarregado de projetar a nave e a capela mor e faziam parte da comissão responsável o engenheiro Ruiz Moreira Reis, o arquiteto Sabino Barroso e Theodoro Joels, o arquiteto Sérgio Porto e o desenhista Manoel Dias Machado. O primeiro passo tomado foi a demolição das paredes internas e assoalhos que restaram e das dependências da igreja.

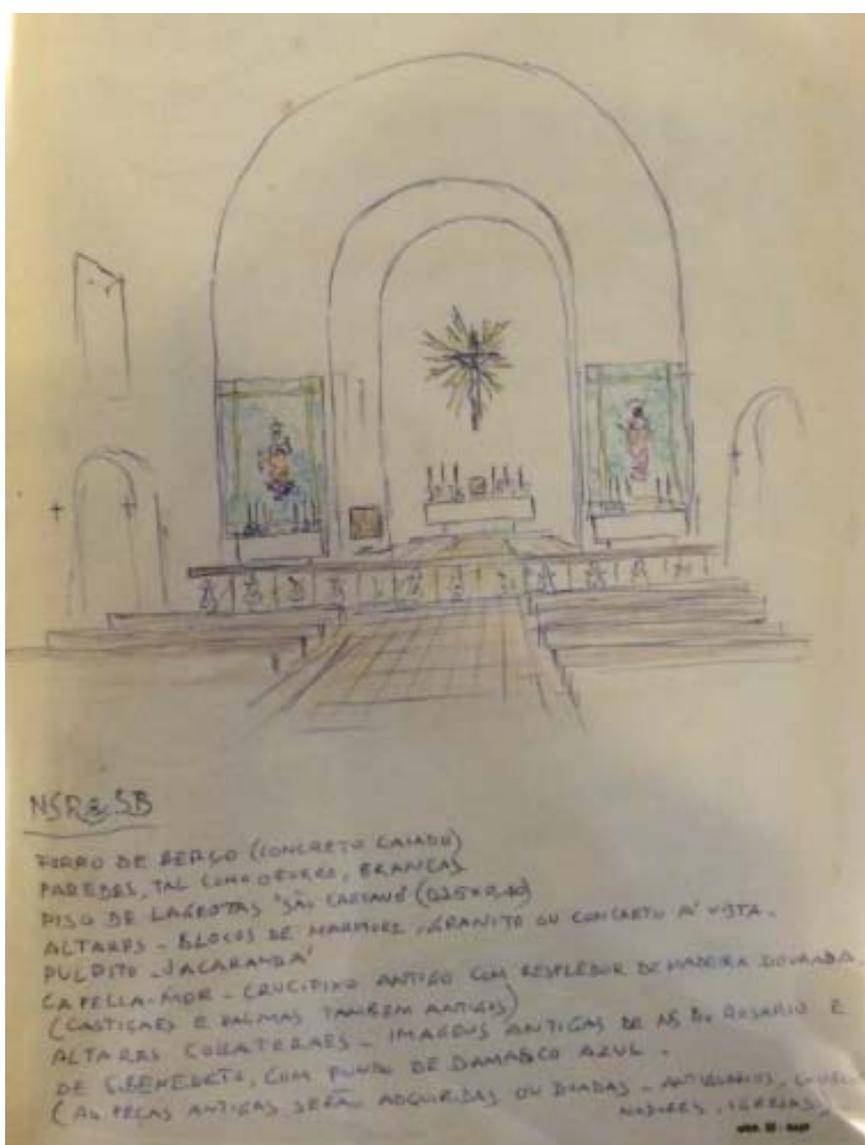


Figura 59 - Esboço feito por Lúcio Costa durante a reforma da Igreja do Rosário – Lúcio Costa, Documentos de trabalho

Na reconstrução, a maior preocupação foi preservar o que foi possível e manter a atmosfera de solene religiosidade, sem tentar reconstruir os espaços originais. Também buscaram introduzir materiais modernos na composição do novo Templo. De acordo com Antônio Nonato Duque Estrada no folheto referente a igreja do Rosário intitulado “Portas Abertas, igrejas do Centro Histórico do Rio de Janeiro”, publicado pelo IPHAN, o projeto de reconstrução da igreja optava por não tentar reconstruir o que não poderia ser refeito. Foi utilizado concreto nas abóbodas de berço do teto, que anteriormente era de madeira; a nave foi reconstruída sem nenhum ornamento e nas tribunas da capela mor foram utilizadas treliças e balaustradas de madeira. O teto foi feito em cimento armado, o piso de ladrilho verde e branco e as portas e janelas em jacarandá.



Figuras 60, 61, 62 e 63 - Imagens das obras da Igreja do Rosário – Arquivo Central do IPHAN

As novas imagens santas vieram de Leixões em Portugal, donativo de portugueses residentes no Brasil. Na reconstrução a igreja passou a ter seis altares laterais, e não sete como era antes do incêndio e os santos presentes nos mesmos também eram diferentes. No lado da Epístola (lado direito), estão Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Luz e São Sebastião. Nos altares do lado do Evangelho (lado esquerdo) estão Nossa Senhora da Cabeça, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora Aparecida. Nossa Senhora do Rosário e São Benedito estão a direita e a esquerda, respectivamente, na parede que antecede a capela mor. O crucifixo do altar mor, cópia de uma peça de 400 anos, foi doada pelo Patrimônio Histórico da Bahia. À irmandade foi doado um órgão de três teclados, que foi montado em São Paulo.



Figuras 64, 65 e 66 - No lado da Epístola, Nossa Senhora das Dores, São Sebastião e Nossa Senhora da Luz – Foto pessoal



Figuras 67, 68 e 69 - No lado do Evangelho, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Cabeça e Nossa Senhora Aparecida – Foto pessoal



Imagens 70 e 71 - Nossa Senhora do Rosário no lado do Evangelho e São Benedito no lado da Epístola, nas paredes que antecedem a capela mor – Foto pessoal

No dia 11 de julho de 1968, em matéria do jornal O Globo foi relatado que parte da estrutura da igreja já estava reconstruída. O salão de recepção, a capela mor, o consistório e a sala do museu já estavam prontos, faltando apenas a decoração, que é a parte mais difícil e demorada. A abóboda foi construída a 15 metros de altura e é toda em concreto armado, coberta com telhas coloniais, semelhantes às que existiam anteriormente. Os sinos, fabricados em 1820, se salvaram, porque a torre em que estão localizados ficou praticamente fora da parte incendiada.

Tentaram reproduzir o máximo possível de detalhes na medida do possível. As portas apresentavam a mesma espessura das que foram destruídas, até mesmo as dobradiças estavam sendo reproduzidas. Essa atenção aos detalhes acabou encarecendo ainda mais a obra.

No dia 14 de março do ano seguinte, começaram a execução de parte do coro, do teto da sacristia lateral direita e dos fundos, também sendo utilizado concreto armado. No mesmo ano, aconteceu a reconstrução dos altares, tribunas e dos pilares. Para os pisos utilizaram tijolo de barro cozido, dispostos dentro de uma trama de vigotas⁴⁶

⁴⁶ É uma das divisões do Cimbramento, que é uma estrutura de suporte provisória composta por um conjunto de elementos que apoiam formas horizontais (vigas e lajes) suportando as cargas



Imagem 72 - Fotografia do coro da Igreja antes do incêndio 1m 1938 – Arquivo Central do IPHAN



Imagem 73 - Fotografia do coro da Igreja antes e depois do incêndio –Foto pessoal

Ao longo dos anos também foram feitas obras para a criação das lojas comerciais que cercam a igreja do Rosário. De propriedade da igreja, o aluguel dessas lojas comerciais iriam contribuir para o rendimento da irmandade. Depois da reforma, o Museu do Escravo também foi reaberto com material encontrado nos destroços do incêndio e doações.

A reconstrução interna, após o incêndio, conferiu ao monumento um aspecto “moderno”, com paredes e teto pintados de branco. Os altares, as tribunas, o coro e os pilares foram refeitos em concreto aparente, e as tribunas da capela mor, guarnecidas com treliças de madeira.⁴⁷

A igreja possui nave única retangular e capela mor, ambas muito amplas, sem entrada de luz externa e cobertas com abóbadas de berço em concreto. Os espaços principais são ladeados, à direita, por corredores com dois andares de acesso à sacristia, ao consistório e às demais dependências da irmandade.⁴⁸

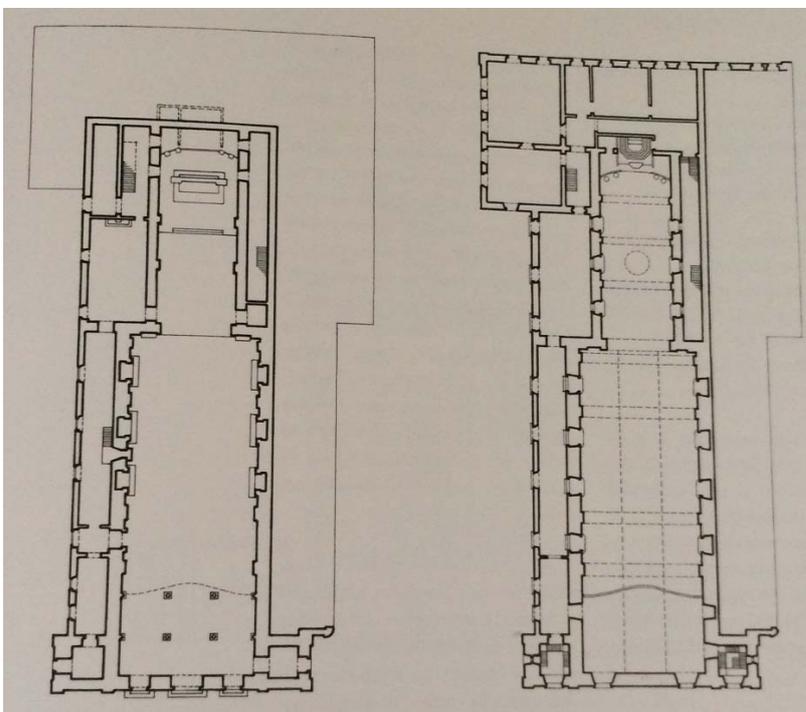


Imagem 74 - Plantas do primeiro e segundo pavimento, respectivamente – Livro . Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro, Volume II

Da arquitetura original a igreja apresenta apenas a fachada neoclássica, remodelada em meados do século XIX. O corpo central, ladeado por duas torres sineiras coroadas por bulbos, é encimado por frontão elevado ligado ao entablamento por aletas. Sua modenatura é de massa, e a portada maneirista em cantaria se destaca pela antiguidade e qualidade da composição. As proporções da fachada da igreja são

⁴⁷ ALVIN, S. Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro, Volume I. p. 200

⁴⁸ ALVIN, S. Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro, Volume I. p. 254

também estabelecidas a partir do quadrado. Seu corpo central é formado por um quadrado no trecho abaixo do frontão, e o rebatimento de sua diagonal demonstra a proporção entre a largura das torres e a do corpo central. A altura aproximada do entablamento da portada e do peitoril das janelas do segundo pavimento corresponde à metade do lado do quadrado do corpo central. Tais relações são simples, provável fruto de reforma no século XIX.⁴⁹



Imagem 75 - Fachada da Igreja nos dias de hoje – Imagens da página do facebook da Igreja do Rosário



Imagem 76 - Fachada da Igreja nos dias de hoje – Imagens da página do facebook da Igreja do Rosário

⁴⁹ ALVIN, S. Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro, Volume II. p. 126

A reabertura da igreja aconteceu no dia 13 de maio de 1972, dia da celebração da Abolição dos escravos, com Missa celebrada pelo Monsenhor Fernando Ribeiro. Na ocasião, a irmandade do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos agradeceu pela restauração da igreja ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e seu diretor Renato Soeiro, ao professor urbanista Lúcio Costa, a diversos bancos, ao falecido Dom Jaime de Barros Câmara e ao Cardeal-Arcebispo Dom Eugênio Sales, ao ex-Governador Negrão de Lima e ao ex-presidente Juscelino Kubitschek, que ajudaram na reconstrução da igreja. No interior da igreja, no lado da Epistola, existe uma placa de metal em homenagem aos datada da reinauguração da igreja.



Imagem 77 - Placa homenageando os seus benfeitores da reconstrução da igreja – Foto pessoal

No final da cerimônia, o crítico e presidente do Instituto do Centenário Agripino Grieco fez uma palestra de 10 minutos sobre a igreja e a Independência, além de expor a importância da reconstrução da igreja de Nossa Senhora do Rosário, "caracterizando-a como um ato heroico".



Imagens 78 e 79 - Nave e capela principal antes e depois do incêndio de 1967 – Arquivo central do IPHAN e foto pessoal

CAPÍTULO 6

A IGREJA NOS DIAS DE HOJE

Atualmente, o espaço da igreja é discriminado com três maneiras de utilização: religioso, equivalente à sua área interna; cultural, o Museu do Negro; e comercial, o seu exterior, onde se encontram as lojas.

A igreja ainda carece muito financeiramente, principalmente devido aos constantes problemas administrativos que teve ao longo dos anos. Ela foi penhorada por ordem da Câmara Civil do Tribunal de Justiça do Rio em 2008, devido a uma dívida de mais de 10 milhões de reais. Na época, foi entendido que, mesmo a igreja sendo tombada, não existiam dispositivos legais que impedissem a penhora. A cobrança era uma indenização remetente à quebra de contrato com a empresa Horus Empreendimentos, que explorava comercialmente e administrativamente o Cemitério Jardim da Saudade, dirigido pela irmandade. Logo após a decisão, o Instituto Cultural D. Isabel I a Redentora, enviou uma carta aberta aos Ministros Edson Santos e Gilberto Gil, falando sobre a importância da igreja e os fatos que se passavam. A penhora acabou não precisando acontecer, e a irmandade continua administrando a igreja.

Logo após o incidente, foi informado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que dariam início às obras necessárias no edifício da igreja, orçadas em 100 mil reais. O prédio apresentava sérios problemas, sendo o principal deles, uma infiltração no telhado que poderia danificar a sua estrutura.

Em 6 de fevereiro de 2009, deram início às obras emergenciais na igreja do Rosário e São Benedito, que apresentava péssimo estado de conservação. Segundo o site do IPHAN, a intervenção realizaria todo o sistema de captação e escoamento de água pluviais, a substituição de telhas, a impermeabilização de uma grande laje que cobre o monumento, além da recuperação do revestimento das paredes externas, das empenas da nave, do altar mor e dos trechos da platibanda. A obra, porém, foi paralisada após alguns meses, sendo retomada e finalizada

mais de um ano depois. Isso acarretou em sérios problemas de infiltração em diversos pontos da igreja. Problemas que podem ser observados nos dias de hoje e que ainda não foram tomadas medidas para concertá-los. Após 2010, ano em que a obra foi reiniciada, não foram mais feitos nenhum outro trabalho a fim de conservar a igreja do Rosário. Em 2008, em razão das comemorações pelos 200 anos da vinda da Família Real Portuguesa para ao Brasil, a igreja não fez parte do itinerário de visita das igrejas do Rio, devido a seu péssimo estado de conservação.

Em conversa com o Irmão Anderson Santos Ribeiro, fui informada que a igreja possui muitas dívidas e processos, principalmente relacionados a problemas vinculados ao cemitério Jardim da Saudade em Sulacap, administrado e mantido pela irmandade e sua principal fonte de renda atualmente. Das lojas comerciais presentes no entorno da igreja, apenas uma ainda é da irmandade, que teve que se desfazer das outras, para pagar dívidas. No momento atual, a irmandade está com uma nova administração, que tenta a muitas custas reerguer a igreja.

O estado de conservação da igreja do Rosário e São Benedito é lamentável. Uma relíquia da cidade, com tanta história e acontecimentos vinculados a criação do Brasil, está sendo esquecido e se acabando cada vez mais.

8. IMAGENS

IMAGENS:

- Figura 1 Ilustração do Rio de Janeiro feita por François Froger em 1698 – FROGER F. “Relation d’un voyage“.....5
- Figura 2 DEBRET J. B. Coleta e esmolas para irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Rio Grande do Sul – Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.....12
- Figura 3 Símbolo da Irmandade do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos do Rio de Janeiro – Site da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito - <http://irmandadedoshomenspretos.org.br/site/>.....19
- Figura 4 Consistório antes do incêndio – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....26
- Figura 5 O consistório hoje em dia castigado pela infiltração – Foto pessoal.....26
- Figura 6 ENDER. T. Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender. Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, 1817.....31
- Figura 7 Fachada da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....31

- Figura 8 Fachada da igreja de Montserrat no Rio de Janeiro – foto de Alexandre Macieira/site ViajeAqui <http://viajeaqui.abril.com.br/estabelecimentos/br-rj-rio-de-janeiro-atracao-mosteiro-de-sao-bento>.....32
- Figura 9 Detalhe da nave central da igreja e da capela mor - Laboratório de historia oral e imagem LABHOI-UFF.....33
- Figura 10 Fotografia dos detalhe das talhas no arco cruzeiro da igreja antes do incêndio – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....35
- Figura 11 Fotografia dos detalhe das talhas no púlpito da igreja antes do incêndio – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....35
- Figura 12 Fotografia das Abóbodas da Igreja antes do incêndio, Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro, Fotografia de Eduard Schultze.....35
- Figura 13 Fotografia das Abóbodas da Igreja antes do incêndio, Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro, Fotografia de Eduard Schultze.....35

- Figura 14 Fotografia da Pintura no teto da nave antes do incêndio, Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro, Fotografia de Eduard Schultze.....36
- Figura 15 Fotografia da pintura de São João Evangelista na igreja antes do incêndio – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....36
- Figura 16 Fotografia da pintura São Marcos na igreja antes do incêndio – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....36
- Figura 17 Fotografia da pintura de São Mateus na igreja antes do incêndio – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....36
- Figura 18 Fotografia da pintura de São Lucas respectivamente na igreja antes do incêndio – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....36
- Figura 19 Fotografia do Altar de Santo Antônio antes do incêndio, Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no

Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro, Fotografia de Eduard Schultze.....37

Figura 20 Fotografia do Altar de São José antes do incêndio, Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....37

Figura 21 Fotografia do Altar de Nossa Senhora da Cabeça antes do incêndio – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....37

Figura 22 Fotografia do Altare de Santa Ana antes do incêndio, Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro, Fotografia de Eduard Schultze.....37

Figura 23 Fotografia do Altar de Nossa Senhora da Conceição antes do incêndio – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....38

Figura 24 Fotografia do Altar de Santa Bárbara antes do incêndio, Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro, Fotografia de Eduard Schultze.....38

- Figura 25 Fotografia do Altar de Nossa Senhora das Dores antes do incêndio – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....38
- Figura 26 Fotografia da Imagem de Santa Teresinha, no lado do Evangelho, na parede que antecede a capela mor, Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....39
- Figura 27 Fotografia da antiga sacristia antes do incêndio – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....40
- Figura 28 Fotografia da Sacristia atual com o piso conservado – Foto pessoal.....40
- Figura 29 Fotografias do corredor lateral antes do incêndio– Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....40
- Figura 30 Fotografias do corredor lateral hoje em dia com o piso conservado – Foto pessoal.....40

- Figura 31 Fotografia da placa pelo centenário da morte do mestre Valentim presente na Igreja nos dias de hoje – Foto pessoal.....42
- Figura 32 Meio corpo de D. João VI a óleo – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....43
- Figura 33 Pintura do governador Luiz Vahia Monteiro – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....44
- Figura 34 Ceia dos apóstolos – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....45
- Figura 35 VIANA. A. Chegada de D. João a igreja do Rosário, Arquivo central do IPHAN, seção Rio de Janeiro.....46
- Figura 36 Fotografia do estandarte da caixa libertadora José do Patrocínio – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....47
- Figura 37 Fotografia do estandarte do centro abolicionista Ferreira de Menezes – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro

- presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....47
- Figura 38 Fotografia do estandarte do clube abolicionista sul rio-grandense – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....48
- Figura 39 Fotografia do estandarte caixa emancipadora Joaquim Nabuco – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....48
- Figura 40 Fotografia do estandarte do centro abolicionista forense, Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro, Fotografia de Eduard Schultze.....49
- Figura 41 Fotografia do estandarte da cidade do Rio - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....49
- Figura 42 Fotografia do estandarte do clube da propaganda libertadora do primeiro distrito de Santa Rita - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....50

- Figura 43 Fotografia da imagem de Nossa Senhora do Rosário em madeira presente na igreja antes do incêndio (frente), Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro, Fotografia de Eduard Schultze.....52
- Figura 44 Fotografia da imagem de Nossa Senhora do Rosário em madeira presente na igreja antes do incêndio (costas), Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro, Fotografia de Eduard Schultze.....52
- Figura 45 Fotografia da imagem de São Benedito em barro presente na igreja antes do incêndio - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....52
- Figura 46 Fotografia da imagem de São Benedito em barro presente na igreja antes do incêndio - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....52
- Figura 47 Fotografia da imagem de Nossa Senhora da Conceição em barro - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....53

- Figura 48 Fotografia da imagem de Santa Apolônia da igreja do Rosário, antes do incêndio - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....53
- Figura 49 Fotografia da imagem de Santa Catarina da igreja do Rosário, antes do incêndio - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....53
- Figura 50 Fotografia da imagem de Santa Úrsula da igreja do Rosário, antes do incêndio - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....53
- Figura 51 Fotografia das imagens intitulada, os quatro primeiros papas, presentes na igreja antes do incêndio - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....54
- Figura 52 Fotografia de vaso antigo presente na igreja antes do incêndio (frente) - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....54
- Figura 53 Fotografia de vaso antigo presente na igreja antes do incêndio (costas) - Retirada do inventário referente a igreja

Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....54

Figura 54 Fotografia da imagem de santo presente na igreja antes do incêndio (frente). Nome não mencionado - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....54

Figura 55 Fotografia da imagem de santo presente na igreja antes do incêndio (costas). Nome não mencionado - Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....54

Figura 56 Fotos da destruição publicada no jornal O Globo de 28/03/1967.....56

Figura 57 Foto da destruição publicada no jornal Meia Hora de 28/03/1967.....56

Figura 58 Fotografia do Sacrário encontrado nos escombros que hoje está no altar da Igreja– Foto pessoal.....59

Figura 59 PÊSSOA J. Lúcio Costa: documentos de trabalho. IPHAN. Esboço feito por Lúcio Costa durante a reforma da Igreja do Rosário.....60

Figura 60 Imagem da obra da Igreja do Rosário – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e

- São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....61
- Figura 61 Imagem da obra da Igreja do Rosário – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....61
- Figura 62 Imagem da obra da Igreja do Rosário – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....61
- Figura 63 Imagem da obra da Igreja do Rosário – Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....61
- Figura 64 Fotografia da imagem de Nossa Senhora das Dores na igreja nos dias de hoje – Foto pessoal.....62
- Figura 65 Fotografia da imagem de São na igreja nos dias de hoje, Foto pessoal.....62
- Figura 66 Fotografia da imagem de Nossa Senhora da Luz na igreja nos dias de hoje – Foto pessoal.....62
- Figura 67 Fotografia da imagem de Nossa Senhora da Conceição na igreja nos dias de hoje – Foto pessoal.....62

- Figura 68 Fotografia da imagem de Nossa Senhora da Cabeça na igreja nos dias de hoje – Foto pessoal.....62
- Figura 69 Fotografia da imagem de Nossa Senhora Aparecida na igreja nos dias de hoje – Foto pessoal.....62
- Figura 70 Fotografia da imagem de Nossa Senhora do Rosário no lado do Evangelho na igreja nos dias de hoje – Foto pessoal.....63
- Figura 71 Fotografia da imagem de São Benedito no lado da Epístola na igreja nos dias de hoje – Foto pessoal.....63
- Figura 72 Fotografia do coro da Igreja antes do incêndio de 1938, Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro, Fotografia de Eduard Schultze.....64
- Figura 73 Fotografia do coro da Igreja nos dias de hoje – Foto pessoal.....64
- Figura 74 Plantas do primeiro e segundo pavimento, respectivamente – ALVIN, S. Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro, Volume II. Rio de Janeiro: Editora UFRJ /Minc, IPHAN, 1999.65
- Figura 75 Fotografia da fachada da Igreja nos dias de hoje – Imagens da página do facebook da Igreja do Rosário.....66
- Figura 76 Fotografia da fachada da Igreja nos dias de hoje – Imagens da página do facebook da Igreja do Rosário.....66

- Figura 77 Placa homenageando os seus benfeitores da reconstrução da igreja – Foto pessoal.....67
- Figura 78 Nave e capela principal da igreja nos dias de hoje – foto pessoal.....68
- Figura 79 Nave e capela principal antes do incêndio de 1967, Retirada do inventário referente a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Rio de Janeiro presente no Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro – Fotografia de Eduard Schultze.....68

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIN, S. Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro, Volume I. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc - IPHAN, 1997.

ALVIN, S. Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro, Volume II. Rio de Janeiro: Editora UFRJ /Minc - IPHAN, 1999.

BASTIDE, R. As religiões africanas no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1971.

BOSCHI, C. C. Os leigos e o poder: irmandades Leigas e Colonizadoras em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

CASTRO, Dr. O. Memórias Sobre a irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Publicada na edição especial do “Jornal do Comércio”, comemorativa do Ano Santo, 1928.

CAVALCANTI, N. O Rio de Janeiro Setecentista: A vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.

CRUZ, T. C. C. As irmandades religiosas de africanos e afrodescendentes. Artigo da aluna ouvinte de mestrado em Antropologia Social. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina

GUERRA, Y. História da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Guia das igrejas históricas da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria especial de projetos especiais, IPLANRIO, RIOTUR, Plano estratégico da cidade do Rio de Janeiro, Apoio cultural: Construtora Norberto Odebrecht S.A, 1997.

KLEIN, H. A escravidão africana: América Latina e Caribe. São Paulo: brasiliense, 1987.

REIS, J. J. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

OLIVEIRA, A. J. M. Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

SOUZA, M. M. Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MATTOSO, K. M. Q. Bahia século XIX: uma Província do Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

Patrimônio Vivo: Arte e História nas igrejas Cariocas. Rio de Janeiro: IPHAN

REGINALDO, L. Os Rosário dos Angolas: irmandades de africanos e Crioulos na Bahia setecentista. São Paulo: Alameda, 2011.

SIQUEIRA, R. Igrejas do Rio de Janeiro: história e devoção. Luminatti Editora.

SOARES, M. C. Devotos da Cor: Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

QUINTÃO, A. A. Lá vem o meu parente: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e Pernambuco (Século XVIII). São Paulo: Anablume: Fapesp, 2002.

